

O GÊNERO MASCULINO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Gabriela Albano Christofoli (Autora)

Leandro Zanetti Lara¹ (Orientador)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar como ocorre a descrição do gênero masculino nos livros didáticos, tendo em vista a existência de dois pontos de vista sobre o fenômeno, quais sejam: masculino como forma não marcada, com oposição do morfema \emptyset à desinência $-a$; ou como forma marcada, com oposição do morfema $-o$ (desinência masculina) à desinência $-a$. Para isso, faremos uma revisão da teoria morfológica sobre o assunto, passando, em seguida, para as considerações dos gramáticos sobre o estudo do gênero. Ao final, selecionaremos amostras de livros didáticos a fim de observar como o fenômeno é neles tratado.

Palavras-chave

Morfologia; gênero masculino; desinências; morfema zero.

Introdução

O presente artigo visa a analisar uma amostra de livros didáticos de língua portuguesa no que tange à teoria morfológica que os embasa, notadamente quanto ao conceito de desinência nominal de gênero. Como é consabido, há mais de uma interpretação no que diz respeito à marcação do gênero masculino em português. Uma visão mais tradicional do fenômeno, e que é bastante difundida, pauta-se pelo entendimento de que o morfema $-o$ é que carrega o valor de masculino (em oposição ao morfema $-a$); já outras abordagens teóricas consideram como marca do masculino o morfema zero, \emptyset . Assim, tencionamos aqui discutir em que medida tais abordagens são vantajosas para o ensino de língua, qual delas é utilizada mais frequentemente, bem como quais justificativas são apresentadas pelos autores de materiais didáticos para defender este ou aquele ponto de vista teórico.

¹ Professor da 7ª edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

Para o desenvolvimento dessa proposta, conferiremos a este artigo a seguinte organização: 1. Apresentação dos pressupostos teóricos, que se baseará nas considerações de Camara Jr. (1979, pp. 81-96), Kehdi (2007, pp. 26-39), Souza-e-Silva e Koch (2007, pp. 47-57). Em seguida, na seção 2, faremos um contraponto a essas abordagens teóricas, ao trazermos para a discussão também considerações constantes em manuais gramaticais de cunho mais tradicional, tais como os de Almeida (1967, pp. 95-103 e 136-138), Bechara (2009, pp. 131-140 e pp. 146-147), Cunha e Cintra (2007, pp. 188-197 e pp. 251-254). Na sequência, apresentaremos a metodologia do trabalho, explicitando a organização do *corpus* da pesquisa, ou seja, como foram selecionados os livros didáticos a serem examinados. Na quarta seção, teremos a análise teórica propriamente dita, à qual se seguirá a discussão dos resultados dos dados da pesquisa.

1 Considerações teóricas sobre o gênero

Estudos basilares da fonologia e morfologia do português são os que constituem a célebre obra de Camara Jr., cujas reflexões acerca da categoria gênero, no âmbito dos estudos dedicados à flexão portuguesa, buscaremos sintetizar aqui, tomando-as como ponto de partida para nossa discussão.

No que tange às possibilidades morfemáticas para a categoria morfológica de gênero em português, Camara Jr. (1979) considera marca do gênero feminino a desinência *-a*, enquanto ao masculino atribui justamente a ausência dessa marcação. Desse modo, para a forma feminina marcada *perua* (*peru-a*), tem-se a forma masculina não marcada *peru* (*peru-∅*).

O linguista observa que a categoria gênero é apresentada de maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português. Isso se deve, primeiramente, a uma incompreensão semântica, que leva a uma associação imediata entre gênero e sexo dos seres, desconsiderando-se que os substantivos também designam coisas desprovidas de sexo, como *casa* e *palácio*. A não correspondência biunívoca entre gênero e sexo revela-se, assim, patente no fato de que, ainda que apenas uma parcela dos substantivos se refira a entidades sexuadas, todos os substantivos portugueses têm gênero gramatical definido. Além disso, embora o substantivo se refira a um animal ou uma pessoa, pode haver em português discrepâncias entre as noções de gênero e sexo, de forma que palavras como *testemunha* e *cônjuge* serão

sempre feminina e masculina, respectivamente, independentemente do sexo (biológico) da pessoa a que se referem, chamados estes casos de gênero sobrecomum na gramática tradicional.

Ainda destacando incoerências e confusões da descrição do gênero nas gramáticas tradicionais, o linguista menciona que não há uma clara distinção entre flexão de gênero e processos lexicais ou sintáticos na indicação do gênero, como, por exemplo, a heteronímia. Desse modo, é comum encontrar nas gramáticas a indicação de *mulher* como feminino (morfológico) da forma masculina *homem* (CAMARA JR., 1979).

Finalizando suas considerações a respeito do assunto, Camara Jr. (1979) conclui que a flexão de gênero é uma só: acréscimo do sufixo flexional² *-a* (/a/ átono final), como em *autor* + *a* = *autora*, ou com a supressão da vogal temática (na forma masculina) quando ela existe no singular, como em *lob(o)* + *a* = *loba*. Quanto aos casos de alomorfia, lista os seguintes alomorfes: i) *avô/avó*, distinção de gênero por alternância vocálica da vogal final do morfema lexical; ii) *bom/boa*, *leão/leoa*, palavras masculinas terminadas em *-ão* (forma teórica /oN/) perdem o travamento pós-vocálico /N/ para acrescentar a desinência de feminino *-a*; iii) *valentão/valentona*, o sufixo derivacional aumentativo *-ão* (forma teórica /oN/) transfere o travamento nasal pós-vocálico /N/ para a sílaba seguinte como consoante /n/ e acrescenta-se a desinência de feminino *-a*; iv) *órfão/órfã*, os radicais em /aN/ com tema em *-o* suprimem a vogal do tema; v) *européu/europeia*, o sufixo derivacional *-eu* suprime a vogal temática, desenvolvendo uma ditongação /ei/ diante do /a/; e vi) *saboroso/saborosa*³, alternância das vogais médias posteriores que passam de abertas /ó/, no feminino, a fechadas /ô/, no masculino.

Vejamos agora o ponto de vista de Souza-e-Silva e Koch (2007), autoras que, seguindo a mesma linha de Mattoso Câmara, também atribuem a ausência de marcação às formas masculinas:

O gênero, que condiciona uma oposição entre forma masculina e forma feminina, é caracterizado por flexão, através do morfema /-a/ (forma marcada) no feminino, e do morfema \emptyset (forma não marcada) no masculino (peru – perua) (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2007, p. 48).

A respeito da flexão de gênero através do morfema \emptyset , as autoras esclarecem, em nota, que optaram pelo critério adotado por Mattoso Câmara por questões de economia e

² Utilizado por Câmara Júnior com o mesmo sentido de *desinência*.

³ Exemplo nosso.

simplificação da análise linguística. Segundo elas, enquanto o feminino apresenta uma marca específica, *-a*, o masculino apresenta diversas marcas, de modo a não constituir formas marcadas.

Quando a forma masculina termina em vogal temática, diferentemente do que acontece no exemplo anterior (*peru/perua*), esta é suprimida por uma mudança morfofonêmica, que ocorre com o acréscimo do morfema *-a*. Desse modo, para a forma masculina *pombo* (*pombo-Ø*), não marcada, temos a forma feminina *pomba* (*pomb-a*), marcada (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2007).

Souza-e-Silva e Koch (2007) observam que nem todas as palavras são marcadas morfológicamente para gênero: as vogais finais de palavras como *casa*, *livro*, *cônjuge* e *criança* não indicam o gênero, mas somente registram a classe gramatical. Tais palavras, embora não flexionadas, admitem a anteposição de um artigo (*a casa*, *o livro*, etc.), cabendo a este marcar o gênero dos nomes substantivos.

Novamente em concordância com Camara Jr., as linguistas fazem referência a incoerências e confusões presentes nas gramáticas. Do mesmo modo, atribuem a esse problema, em primeiro lugar, a incompreensão semântica da natureza do gênero, ou seja, a errônea associação de gênero gramatical ao sexo dos seres; e, em segundo lugar, a ausência de distinção entre processos flexionais e processos lexicais, cuja expressão do gênero se dá pela utilização de vocábulos distintos (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2007).

Por fim, ao concluírem, apresentam a existência de alguns casos de alomorfia: i) subtração da forma masculina, como em *órfão/órfã* (morfema subtrativo); ii) alternância vocálica redundante, em que a vogal média pós-tônica fechada /ô/ passa a aberta /ó/, como em *formoso/formosa* (morfema aditivo e alternativo); e não redundante, como em *avô/avó* (morfema alternativo); e iii) distinção de gêneros diferentes sem flexão, como em *o intérprete/a intérprete*.

É importante notar que nos casos de palavras terminadas em *-ão*, ora podem ocorrer morfemas subtrativos, como em *irmão/irmã*; ora podem ocorrer morfemas aditivos: i) com mudanças morfofonêmicas, como ocorrem em *leão/leoa* (*leão + a = le(ã)oa = leoa*), ou ii) com a alteração do morfema derivacional aumentativo próprio de *-a*, como em *valentão/valentona*. As autoras ainda observam que ao lado dos morfemas flexionais anteriormente citados, o gênero pode ser indicado por morfemas derivacionais femininos, como em *diácono/diaconisa*, *abade/abadessa*, *duque/duquesa*. Também entre os morfemas

derivacionais, destacam as formas em *-eu*, em que o acréscimo do sufixo derivacional *-a* acarreta uma mudança morfofonêmica, ocorrendo a supressão da vogal assilábica e a ditongação, como em *europeu + a = europe(u)a = europea = europeia*. (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2007).

Passemos agora a uma terceira visão sobre o assunto que estamos tratando, a interpretação de Kehdi (2008), que, de certa forma, contrapõe-se ao que vinha sendo defendido pelos linguistas anteriormente citados, na medida em que apresenta uma descrição diferente para a o gênero masculino em português. Embora, inicialmente, repise a proposta de Camara Jr., que considera o masculino como um gênero não marcado, ao final, acaba lançando mão de argumentos que contestam essa posição.

De acordo com o linguista, quando é acrescentada a uma palavra feminina uma terminação que contenha *-o*, tal palavra passa a ser masculina: *mulher* (fem.)/*mulheraço* (masc.), *cabeça* (fem.)/*cabeçalho* (masc.). Além disso, Kehdi ainda argumenta que:

[...] o povo, em sua linguagem espontânea, cria formas masculinas sempre em *-o*; p. ex., faz-se corresponder ao feminino *coisa* o masculino *coiso*, inexistente na língua culta. São também dignas de nota formas como *corujo*, *criançaço*, *madrasto* (KEHDI, 2008, p. 30).

Diante dos argumentos apresentados, concluímos que o morfema *-o* está intimamente associado à noção de masculino, sendo a flexão de masculino, então, não uma oposição entre \emptyset e *-a*, e sim, entre *-o* e *-a*.

Quanto aos casos de alomorfia, Kehdi (2008) apresenta como variantes de *-o* o morfema \emptyset , como ocorre em *peru/perua*, *autor/autora*; e o *-u* semivocálico, como em *europeu-europeia*, *mau-má*.

Com relação aos demais processos de expressão do gênero, acrescenta que, além dos processos flexionais, caso de *garoto/garota*, pode o gênero ser expresso por um processo derivacional, como se pode ver em *conde/condessa*; ou, também, por um processo de heteronímia, quando há a existência de dois vocábulos distintos, como ocorre em *bode/cabra* (KEHDI, 2008).

Na exposição das abordagens teóricas, foram consideradas duas interpretações do fenômeno. Camara Jr. (1979) e Souza-e-Silva e Koch (2007), ainda que tragam algumas ideias diferentes, sobretudo na apresentação dos alomorfes, convergem em suas análises no que diz respeito à forma básica para o masculino, entendendo ser esta uma forma não marcada, o morfema \emptyset , que se opõe à desinência *-a*. Já Kehdi (2008) apresenta uma terceira

interpretação: descreve de forma sucinta os casos de alomorfa e, ainda que leve em consideração ser o morfema Ø marcação de masculino, cogita a possibilidade de ser a terminação –o constitutiva do masculino português, ou seja, marcada.

2 Gênero: uma abordagem tradicional

A descrição do gênero nas gramáticas tradicionais é feita de maneira bastante distinta do que foi observado nas abordagens dos linguistas citados na primeira seção. Nesse contexto, as flexões de gênero dos nomes substantivos e adjetivos são abordadas separadamente.

Em Almeida (1967), é apresentada a associação direta entre o gênero gramatical e o sexo dos seres aos quais os substantivos se referem, que foi citada pelos estudiosos vistos na seção anterior.

Diferente do que observamos nas abordagens teóricas, Almeida (1967), ao apresentar os gêneros masculino e feminino, conclui que, sendo a palavra *cavalo* uma palavra gramaticalmente masculina, usada para referir-se a um animal do sexo masculino (macho), e a palavra *égua*, gramaticalmente feminina, usada para referir-se a um animal do sexo feminino (fêmea do cavalo), o gênero gramatical de um substantivo irá corresponder ao sexo real ou suposto do ser ao qual se refere:

Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos seres.
Está claro que, por haver dois sexos, dois devem ser os *gêneros gramaticais*: o gênero *masculino* e o gênero *feminino*. (ALMEIDA, 1967, p. 96)

Na atribuição do gênero pela terminação, de acordo com Almeida (1967), são substantivos masculinos os terminados em i) *o*, *i* e *u*: *litro*, *batismo*, *álibi*, *jaborandi*, *pó*, *nó*, *biju*, *caju* (exceções: *tribo*, *avó*, *juruti*, *lei*); ii) *é*: *café*, *cabriolé*, (exceções: *maré*, *ré*);⁴ iii) *em*, *im*, *om*, *um*: *armazém*, *brim*, *bodum* (exceções: *ordem*, *adem*, e os terminados em *gem*, como *garagem*, *linguagem*); iv) *em*: *âmen*, *líquen*; v) *au*, *éu*, *eu*, *ói*: *cacau*, *chapéu*, *liceu*, *cambói* (exceções: *nau*); vi) *l*: *graal*, *tonel*, *anzol* (exceções: *cal*, *catedral*, *vogal*, *diagonal*); vii) *r*: *alamar*, *escaler*, *furor* (exceções: *beira-mar*, *colher*, *dor*); viii) *s*: *caos*, *lápiz*, *cais* (exceções: *cútis*)⁵; e ix) *x*: *tórax*, *índex* (exceção: *fênix*). Os substantivos femininos são os terminados em

⁴ Quando terminados em *e* átono, podem ser masculinos, como em *pente*, *ponte*, ou femininas, como em *bronquite*, *fome*.

⁵ Quando terminados em *z*, podem ser masculinos, como em *albornoz*, *alcatraz*, ou femininas, como em *paz*, *foz*, *noz*.

i) *a*: *cama, barca, orelha* (exceções: *cometa, dia, planeta, dilema, poema, grama*)⁶; ii) *ã*: *avelã, manhã* (exceções: *ímã, talismã*); iii) *ç* *ão* (quando abstratos): *viração, rotação, afeição*; iv) *gem* (como visto anteriormente): *linguagem, homenagem, aragem*; e v) *dade* e *ice*: *cidade, verdade, tolice, velhice*.

A atribuição do gênero se dá por significação mediante analogias, comparações e pela classificação do objeto designado pelo substantivo. Nesse contexto, são masculinos os nomes de i) montes: *Vesúvio, Etna*; ii) mares: *Mediterrâneo, Atlântico*; iii) rios: *Amazonas, Nilo*; iv) meses: *janeiro, dezembro*; e v) ventos: *aquilão, tufão*. E são femininos os nomes de i) partes do mundo: *Europa, Ásia*; ii) ciências e artes liberais: *magistratura, medicina, pintura, escultura*; e iii) nomes próprios de regiões, cidades, vilas e ilhas: *Amazônia, Londres (a populosa Londres), Marajó* (exceção: nomes que admitem artigo masculino, como *Cairo, Porto, Rio de Janeiro*) (ALMEIDA, 1967).

Além dos gêneros masculino e feminino, Almeida (1967) considera ainda a existência do que chama de particulares genéricas, ou seja, a distribuição dos substantivos em *epicenos, comuns de dois gêneros* e *sobrecomuns*. Epicenos são os substantivos que apresentam somente um gênero gramatical para designar seres dos dois sexos, como as formas masculinas *o jacaré macho/o jacaré fêmeo, o tubarão macho/o tubarão fêmeo*, e as formas femininas *a baleia macha/a baleia fêmea, a cobra macha/a cobra fêmea*. Comuns de dois gêneros são os substantivos que possuem apenas uma forma para designar seres dos dois sexos, cabendo ao artigo que os antecede flexionar-se de acordo com o sexo do ser designado: *o pianista/a pianista, o jovem/a jovem, o selvagem/a selvagem*. E, por fim, sobrecomuns são os substantivos que têm um gênero fixo independentemente do sexo do ser designado, como a forma sempre masculina *algoz (Maria é um algoz de seu pai)*, e a forma sempre feminina *criança (João é uma criança)*.

No que tange ao processo de formação do feminino, Almeida (1967) indica a divisão do caso nas seguintes partes: i) o substantivo passa para o feminino com a mudança da terminação para *a* ou com o acréscimo de *a*: *cachorro/cachorra, juiz/juíza*; ii) o substantivo sofre a alteração do radical antes de receber a desinência feminina, ou recebe desinência especial: *rei/rainha, frade/freira, avô/avó, conde/condessa, poeta/poetisa*; iii) o substantivo tem o feminino inteiramente diverso do masculino: *bode/cabra, cão/cadela, carneiro/ovelha*;

⁶ Quando terminados em *a* agudo (*á*), serão, em maioria, masculinos, como em *fubá, gambá, maracujá*.

iv) o substantivo terminado em *ão*, que tem uma variação no processo de formação do feminino: *ão/ã* (*anão/anã*), *ão/oa* (*leão/leoa*), outras flexões (*perdigão/perdiz*, *ladrão/ladra*).

No âmbito do nome adjetivo, as regras de flexão são quase idênticas às dos substantivos, cabendo àquele flexionar-se de acordo com este. Os adjetivos terminados em *eu* farão feminino em *eia*: *ateu/ateia*, *uropeu/europeia* (exceções: *judeu/judia*, *sandeu/sandia*). Quando terminados em *oso*, o adjetivo na forma feminina tem a abertura do primeiro *o* da terminação *osa*: *bondoso(ô)/bondosa(ó)*, *mimoso(ô)/mimosa(ó)*. E, quando terminados em *ês*, *ol*, *or*, *u*, vão para o feminino com o acréscimo da desinência *a*: *português/portuguesa*; *espanhol/espanhola*, *nu/nua* (exceção: *mau/má*).

A partir da apresentação feita pelo gramático, acerca dos processos de formação do feminino, não é possível determinar se ele atribui às terminações das palavras masculinas a noção de vogal temática ou de desinência, sendo no primeiro caso o gênero masculino uma forma não marcada, e, no segundo, uma forma marcada. No entanto, levando-se em consideração que o gramático considera a terminação dos substantivos como atribuição de gênero, logo, podemos presumir que, para ele, o gênero masculino corresponde a uma forma marcada, sobretudo no que se refere à terminação *-o*.

Passando-se aos gramáticos Cunha e Cintra (2007, pp.188-189), observamos algumas diferenças na descrição do gênero. De acordo com os gramáticos, existem dois gêneros em português, o masculino e o feminino, sendo o primeiro não marcado e o segundo marcado, diferente do que foi observado com o gramático anterior. Além disso, afirmam que o gênero de um substantivo não é conhecido pela sua significação, nem pela sua terminação.

No entanto, justificando facilitar o aprendizado, observam que, quanto à significação, são substantivos masculinos os i) nomes de homens ou de funções por ele exercidas: *João*, *mestre*, *padre*, *rei*; ii) nomes de animais do sexo masculino: *cavalo*, *galo*, *gato*, *peru*; iii) nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos: *Ládoga*, *Alpes*, *Atlântico*, *Amazonas*, *Minuano*; e iv) nomes dos meses e dos pontos cardeais: *março*, *setembro*, *Norte*, *Sul*. Quanto aos femininos, tem-se os i) nomes de mulheres e de funções por elas exercidas: *Maria*, *professora*, *freira*, *rainha*; ii) nomes de animais do sexo feminino: *égua*, *galinha*, *gata*, *perua*; e iii) nomes de cidades e ilhas: *Sicília*, *Antilhas* (exceções: *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*) (CUNHA; CINTRA, 2007).

Quanto à terminação, são masculinos os substantivos terminados em *-o* átono: *o aluno*, *o livro*, *o lobo*, *o banco*; e femininos os terminados em *-a* átono: *a aluna*, *a caneta*, *a*

loba, a mesa (exceções: *clima, cometa, dia, fantasma*). Já os substantivos terminados em *-ão* são masculinos quando concretos: *o agrião, o algodão, o balcão, o feijão*; e femininos quando abstratos: *a educação, a opinião, a produção, a recordação* (exceção: *mão*) (CUNHA; CINTRA, 2007).

No que diz respeito à formação do feminino, Cunha e Cintra (2007) afirmam que a forma do feminino pode ser completamente diversa da do masculino (radical diverso): *bode/cabra, homem/mulher*; ou derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou acréscimo de desinências femininas: *aluno/aluna; cantor/cantora*.

Com relação aos derivados de radical do masculino, estabelecem as seguintes regras gerais: i) substantivos terminados em *-o* átono têm essa desinência substituída por *-a*: *gato/gata, lobo/loba*, ou por desinências especiais: *diácono/diaconisa; galo/galinha*; e ii) substantivos terminados em consoantes têm o acréscimo da desinência *-a*: *camponês/camponesa; leitor/leitora*. Como regras especiais, estabelecem as seguintes: i) substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino mudando essa terminação para a) *-oa*: *ermitão/ermitoa*; b) *-ã*: *anão/anã*; ou c) *-ona*: *comilão/comilona*; ii) substantivos terminados em *-or* formam feminino com o acréscimo da desinência *-a*: *pastor/pastora, remador/remadora*, ou fazem o feminino em *-eira*: *cantador/cantadeira*, ou, ainda, fazem o feminino com a mudança das terminações *-dor* e *-tor* para *triz*: *ator/atriz; imperador/imperatriz*⁷; iii) substantivos que designam títulos de nobreza e dignidade formam feminino com as terminações *-esa, -essa* e *-isa*: *duque/duquesa, conde/condessa, diácono/diaconisa*; e iv) um pequeno número de substantivos terminados em *-e*, à semelhança da substituição de *-o* por *-a*, trocam *-e* por *-a* na formação no feminino: *elefante/elefanta, mestre/mestra* (CUNHA; CINTRA, 2007).

Os gramáticos também fazem referência à existência de substantivos uniformes, que podem ser epicenos, sobrecomuns e comuns de dois gêneros. Segundo eles, os substantivos epicenos são os nomes de animais que possuem um só gênero gramatical para designar os dois sexos: *a águia, a mosca, o besouro, o polvo*, devendo-se utilizar os adjetivos *macho* e *fêmea*, quando houver a necessidade de especificar o sexo do animal. Os sobrecomuns são aqueles que possuem somente um gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos: *a algoz, o cônjuge, a criança, a testemunha*, devendo-se utilizar os adjetivos

⁷ “De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (esposa do embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe da embaixada) (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 194)”.

feminino(a) e *masculino(a)* quando se queira discriminar o sexo. Por fim, os comuns de dois gêneros são aqueles que apresentam somente uma forma para os dois gêneros: *o agente/a agente*, *o artista/a artista*, *o camarada/a camarada*, *o colega/a colega*, cabendo ao artigo distinguir o sexo.

No âmbito dos adjetivos, a descrição do gênero não é muito diferente. Os gramáticos observam que os adjetivos são geralmente biformes, isto é, possuem uma forma para o masculino e outra forma para o feminino. A formação do feminino desses adjetivos é idêntica à dos substantivos.

Quando terminados em *-o* átono, formam o feminino mudando-se essa terminação por *-a*, como em *belo/bela*. Quando terminados em *-u*, *-ês* e *-or*, formam o feminino acrescentando-se *-a* à forma masculina: *cru/crua* (exceções: os gentílicos invariáveis *hindu* e *zulu*), *francês/francesa* (exceções: os invariáveis *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*), *encantador/encantadora* (exceções: os comparativos como *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*; alguns terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam para *-triz*, como *geratriz*, *motriz*; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira*, como em *trabalhador/trabalhadeira*). Quando terminados em *-ão*, formam o feminino em *-ã* ou *-ona*: *são/sã*, *chorão/chorona* (exceção: *beirão/beiroa*). Quando terminados em *-eu* (com *e* fechado), formam feminino em *-eia*: *uropeu/europeia*, *plebeu/plebeia* (exceções: *judeu/judia*, *sandeu/sandia*). Quando terminados em *-éu* (com *e* aberto), formam feminino em *-oa*: *ilhéu/ilhoa*, *tabaréu/tabaroa*. Alguns adjetivos têm a abertura do *o* tônico fechado, além de receberem a desinência *-a*: *brioso[ô]/briosa[ó]*, *formoso[ô]/formosa[ó]* (exceções: *chocho/chocha*, *fosco/fosca*, *fofo/fofa*, *oco/oca*).

Embora os gramáticos iniciem suas considerações sobre o gênero afirmando serem as palavras masculinas formas não marcadas, não fica claro se para eles as terminações das palavras masculinas são vogais temáticas ou desinências. Do mesmo modo como observamos em Almeida (1967), a noção dada por Cunha e Cintra (2007) às terminações como meio de atribuição de gênero faz como que concluamos serem, para eles, tais terminações desinências de gênero masculino, e nesse caso, esse gênero, uma forma marcada.

Bechara (2009, pp.131-132) apresenta interpretações por vezes diversas da que vimos observando até agora. Para o gramático, existem dois gêneros em língua portuguesa: o masculino e o feminino. Os substantivos masculinos são aqueles que podem ser antepostos pelo artigo masculino *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*) e femininos aqueles que

podem ser antepostos pelo artigo feminino *a* (*a linha, a lua, a grama, a ponte*). O que é afirmado aqui de maneira diferente dos demais gramáticos é que no caso dos substantivos, a determinação genérica não se manifesta da mesma forma que nos artigos e adjetivos, isto é, através da flexão, de modo que o par *gato/gata* não são formas de uma flexão, mas duas palavras distintas como ocorre no par *homem/mulher* (BECHARA, 2009).

A fim de sustentar seus argumentos, Bechara (2009) afirma que a função de *-a* como atualizador lexical e morfema categorial ocorre nos pares *barco/barca* e *saco/saca* da mesma forma como ocorre em *gato/gata*, dando ao tema a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, e observa ainda que:

É pacífica mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco*→*barca* e *lobo*→*loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não-marcada, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:
barco/barca (=barco grande)
jarro/jarra (um tipo especial de jarro)
lobo;loba (a fêmea do animal chamado lobo) (BECHARA, 2009, p.132).

Com isso, Bechara (2009) conclui que os pares mencionados não são, primariamente, formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação, e o que leva a essa analogia com a flexão de gênero de adjetivo é a colocação de *menino/menina* no mesmo plano de *belo/bela*. Além disso, atribui a tal fato a razão pela qual na manifestação do gênero do substantivo, um dos processos corresponde à indicação por meio de sufixo nominal, como em *conde/condessa, galo/galinha, ator/atriz, embaixador, embaixatriz*, etc.

A manifestação da diferença do sexo nos seres animados pode realizar-se pela mudança de sufixo, como ocorre em *menino/menina, gato/gata*, que é a *moção*; ou pelo recurso a palavras diferentes apontando para cada um dos sexos, como ocorre em *homem/mulher, boi/vaca*, que é a *heteronímia*. Por outro lado, quando não ocorre nenhuma dessas manifestações, ou o gênero gramatical do substantivo se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança, a pessoa, o cônjuge, a formiga, o tatu*), ou indiferente pela forma, acompanhado de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) para indicar o sexo (*o artista/a artista, bom estudante/boa estudante*) (BECHARA, 2009).

No que diz respeito à formação do feminino, Bechara (2009) afirma que o feminino pode se formar por mudança ou acréscimo ao radical, com supressão da vogal temática, como em *filh(o)+a= filha*, de modo que os substantivos i) terminados em tema *-o* têm mudança

para *-a*, por analogia à flexão dos adjetivos biformes: *filho/filha*, *menino/menina*, *aluno/aluna*, *gato/gata*; ii) terminados em tema *-e*, ou ficam invariáveis: *amante*, *cliente*, *constituente*, *doente*, *habitante*, etc., ou têm mudança para *-a*, com supressão da vogal temática: *alfaiat(e)+a=alfaiata*, *infante/infanta*, *governante/governanta*, *presidente/presidenta*, *parente/parenta*, *monge/monja*, aparecendo estes também como invariáveis; iii) terminados em *-or* formam o feminino com o acréscimo de *-a*: *doutor/doutora*, *professor/professora*, ou são terminados em *-eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira*; iv) terminados em vogal temática (tônica) *-s*, *-l*, *-z* formam o feminino com o acréscimo de *-a*, sem qualquer alteração morfofonêmica: *freguês/freguesa*, *zagal/zagala*, *juiz/juíza*, *guri/guria*, *peru/perua*; v) terminados em *-ão*: a) quando forem nomes de tema *-o*, têm mudança para *-a*, com supressão da vogal temática, e, posteriormente, fusão por crase: *irmão/irmã (irmãa)*, *alemão/alemã (alemãa)*, b) quando corresponderem à forma teórica *-õ*, há a desnasalação da vogal temática e o acréscimo de *-a*: *bretão/bretoa (breto(n)+a)*, *bom/boa (bo(n)+a)*, e c) quando é um sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/: *valentão/valentona (valento+n+a)*; vi) terminados em *-eu* formam o feminino com o acréscimo de *-a*, a supressão da vogal temática (semivogal do ditongo) e o hiato resultante *ea* desenvolve o ditongo /ey/: *européu/europeia (europ(u)+a=europea=europeia)*, *ateu/ateia*, *egeu/egeia* (exceções: *judeu/judia*, *sandeu/sandia*). Outros substantivos manifestam o feminino por meio de sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*: *duque/duquesa*, *abade/abadessa*, *poeta/poetisa*, *embaixador/embaixatriz*, com ressalvas a não se enquadrar nesse caso: *ator/atriz*, *avô/avó*, entre outros (BECHARA, 2009).

A formação do feminino também pode ocorrer com palavras diferentes para designar um ou outro sexo, este é o caso dos heterônimos. Fazem parte desse grupo os nomes de pessoas: *cavaleiro/amazona*, *marido/mulher*, *cavalheiro/dama*, *padrasto/madrasta*; e os nomes de animais: *bode/cabra*, *carneiro/ovelha*, *boi/vaca*, *cavalo/égua*.

Com o auxílio de outra palavra, ocorre a formação do feminino com os substantivos comuns de (ou a) dois gêneros, que possuem uma só forma para os dois sexos, sendo a distinção de sexo feita pelo artigo que se lhes antepõe: *o estudante/a estudante*, *o camarada/ a camarada*, *o mártir/a mártir*; ou com os substantivos epicenos, que correspondem ao nome dos animais, cujo sexo é distinguido pelo emprego das palavras macho e fêmea: *jacaré-macho*, *cobra-fêmea*.

Por fim, devem-se considerar, na formação do feminino, os substantivos sobrecomuns, que correspondem aos nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a qualquer um dos sexos: *o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, a pessoa* (BECHARA, 2009).

No que tange aos adjetivos, Bechara (2009) observa que os gêneros do adjetivo são os gêneros comuns aos substantivos (masculino e feminino), uma vez que aqueles concordam com estes. Ressaltando, no entanto, que essa distinção de gênero tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo:

[...] no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente (BECHARA, 2009, p. 146).

Por fim, quanto à formação do feminino nesse contexto, os adjetivos podem ser uniformes, isto é, apresentarem somente uma forma para acompanhar tanto nomes masculinos, quanto feminino. Geralmente terminados em *-a, -e, -l, -m, -r, -s* e *-z*, são eles: *lusiada, breve, útil, ruim, modelar, simples, audaz*. (Exceções: *andaluz/andaluza, bom/boa, chim/china, espanhol/espanhola*). Quanto aos biformes, quando apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino, seguem-se de perto as mesmas regras dos substantivos: a) quando terminados em *-ês, -or*, e *-u*, é acrescentado o *-a*: *chinês/chinesa, lutador/lutadora, cru/crua* (exceções: *cortês, descortês, montês, pedrês, incolor, maior, melhor*, entre outros invariáveis; terminados em *-tor* ou *-dor*, que passam a *-triz*, como *motor/motriz*; ou ainda os terminados em *-eira*: *trabalhador/trabalhadeira*); b) quando terminados em *-eu*, passam, no feminino, a *-eia*: *uropeu/europeia, ateu/ateia* (exceções: *judeu/judia, sandeu/sandia*); e c) os femininos com *o* aberta /ó/, passam a ter, no masculino, essa vogal fechada /ô/: *laborioso(ô)/laboriosa(ó), disposto(ô)/disposta(ó)* (BECHARA, 2009, p.147).

Diante dos processos apresentados pelo gramático na formação do feminino, é possível perceber que atribui às terminações das palavras masculinas a noção de vogal temática, diferentemente do que foi observado em Almeida (1967) e Cunha e Cintra (2007). Dessa forma, é podemos concluir que, para Bechara (2009), o gênero masculino é uma forma não marcada.

3 O gênero masculino nos livros didáticos

Com o objetivo de observar as diferentes formas pelas quais ocorre a descrição do gênero nos livros didáticos, selecionamos duas obras: *Jornadas.port* de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho (2012, pp.104-109) e *Português: linguagens* de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2005, pp.256-263). Os dois livros abordam a descrição do gênero de maneiras distintas. Enquanto Delmanto e Carvalho fazem seu estudo sobre o gênero no âmbito das classes gramaticais do substantivo e do adjetivo, Cereja e Magalhães trazem o assunto no âmbito da estrutura da palavra. Optamos pela análise das amostras das obras citadas por conter nelas duas maneiras diferentes de abordagem do estudo do gênero.

No livro de Delmanto e Carvalho (2012), destinado a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, o estudo do gênero tem início com uma atividade de introdução, que compreende a leitura de um pequeno texto sobre o qual são feitas algumas questões. O conteúdo do texto, trabalhado somente na primeira questão da atividade, é abordado já com a intenção de que o aluno resgate de lá o substantivo *meninos*. Na segunda questão, já deixando o conteúdo de lado, o substantivo *meninos*, que serviu de resposta à primeira questão, é retomado, sendo perguntado se o substantivo é precedido por *as* ou *os* (sem denominá-los artigos). A partir da resposta esperada: *precedido por os*, as autoras apresentam dois grupos de palavras, retiradas do texto, sendo um deles com palavras femininas, precedidas por artigos femininos, e o outro com palavras masculinas, precedidas por artigos masculinos, perguntando como o aluno nomearia esses grupos, classificando-os.

O desenvolvimento da atividade mencionada tem como objetivo induzir o aluno a constatar que os substantivos masculinos podem ser precedidos por *o(s)* e os femininos, por *a(s)*, como concluem em seguida Delmanto e Carvalho (2012, p.106): “São masculinos os substantivos que podem ser precedidos por **o, os, um, uns: o lixo, os caminhões, um pedestre, uns homens**. São femininos os substantivos que podem ser precedidos por **a, as, uma, umas: a carta, as pessoas, uma mulher, umas praças**.”. Com isso, chegam a uma das definições encontradas nas gramáticas de Bechara (2004) e Cunha e Cintra (2007).

Influências da gramática tradicional também são encontradas quando apresentam o modo pelo qual o feminino se forma, estabelecendo como regra geral a troca das terminações *-o, -ão*, por *-a, -ã*, ou pelo acréscimo da terminação *-a*, quando o substantivo terminar em *-r*,

-s ou -z. São, contudo, consideravelmente menos complexas que as gramáticas nessa explicação, deixando de fora uma série de outros casos de formação do feminino.

Com base no que observamos no livro, acerca da formação do feminino, é possível perceber, pela forte marcação de *-o* em oposição a *-a*, que as autoras consideram o morfema *-o*, aqui apenas chamado de terminação, como marca do gênero masculino. Com isso, podemos concluir que as autoras, nesse contexto, seguem as gramáticas de Almeida e de Cunha e Cintra, indo também ao encontro da abordagem de Kehdi, que acredita estar esse morfema intimamente relacionado à noção de masculino.

Dando continuidade ao desenvolvimento do estudo, as autoras apresentam outras formas de designar o gênero dos substantivos. A partir de um anúncio publicitário destinado a *mulheres*, as autoras, ao questionarem de que maneira se indica o feminino do substantivo *homens*, chamam a atenção para a existência de dois substantivos diferentes para designar os sexos masculino e feminino. Diferentemente do que vimos nas gramáticas, as autoras não atribuem a esse processo o nome de heteronímia. O conteúdo desse segundo texto é um pouco mais bem trabalhado do que o texto da atividade anterior. As autoras propõem que o aluno busque elementos do texto para identificarem a quem o anúncio se destina.

À semelhança das gramáticas, as autoras fazem menção aos substantivos comuns de dois gêneros, epicenos e sobrecomuns. A exploração de cada um desses tipos é feita novamente por meio de atividades com textos.

Os substantivos comuns de dois gêneros são estudados por meio de outro anúncio publicitário, agora destinado a motoristas, chamando a atenção para o cuidado que estes devem ter para com os motociclistas. A partir dos substantivos *motorista* e *motociclista*, as autoras questionam a que gênero esses substantivos pertencem, esperando que o aluno os considere como masculinos, pois, em seguida, perguntam como se forma o femininos deles e, ao final, concluem que existem substantivos que possuem somente uma forma para indicar os dois gêneros e que, nesses casos, são utilizadas palavras auxiliares para indicar de quem se fala.

O conteúdo do texto é abordado na última questão da atividade, quando as autoras chamam a atenção para o fato de que, sendo o substantivo *motoristas* aplicável tanto a homens quanto a mulheres, poderia ter sido usada a imagem de uma mulher no anúncio, no lugar da imagem do homem, recurso pelo qual se entende a quem se direciona. Diante disso, questionam o aluno sobre o porquê, na opinião dele, o texto está direcionado aos homens.

Para trabalhar os substantivos epicenos, as autoras apresentam alguns pares de substantivos que designam animais, perguntando como o gênero feminino é formado nessas palavras. Em seguida, apresentando um texto que fala sobre os novos habitantes do Zoológico de Guarulhos, sendo um deles um filhote macho de onça suçurana, chamam a atenção para a existência desse tipo de substantivo ao perguntarem qual expressão no texto indica o sexo desse animal. Ao final, concluem com a definição de que os substantivos epicenos são aqueles que têm somente uma forma, masculina ou feminina, cabendo às palavras *macho* e *fêmea*, que os acompanham, indicarem o sexo. O conteúdo do texto, nessa atividade, não chega a ser mencionado, servindo este apenas como instrumento para o estudo dos aspectos gramaticais.

Por fim, para trabalhar com os substantivos sobrecomuns, as autoras utilizam uma tira, em que um dos personagens se incomoda por ser tratado como criança. O conteúdo do texto é trabalhado nas duas primeiras questões, que tratam sobre o comportamento das personagens. Nas terceira e quarta questões, passam ao estudo dos sobrecomuns questionando qual é o gênero do substantivo criança e o sexo da pessoa a que se refere, chamando a atenção de que o substantivo *criança*, embora feminino, pode designar pessoas do sexo masculino. Com isso, estabelecem a definição de que os substantivos sobrecomuns são os de gênero fixo que podem indicar tanto o sexo masculino, quanto o feminino.

No âmbito do adjetivo, as autoras são mais sucintas. Tratam de gênero quando apresentam as classificações dos adjetivos. Nesse contexto, afirmam que os adjetivos podem ser biformes, sem explicar o que isso significa, nem como o feminino se forma, apenas dando como exemplo *homem sozinho/gata sozinha*; e uniformes quando terminados em *l, m, r, s, z*, que têm apenas uma forma, tanto para acompanhar substantivos femininos quanto masculinos.

Diante do que foi observado, pode-se dizer que as autoras, na exploração do gênero, seguem as principais ideias contidas nas gramáticas. Diferente do que se observa nestas, no livro, as questões inerentes ao gênero nominal são abordadas de maneira mais simplificada, deixando de lado, muitas vezes, casos que se excetuam as regras gerais. Além disso, quanto ao trabalho com o conteúdo do texto, não relaciona a influência do aspecto gramatical estudado no sentido do texto.

Passando-se à análise do livro de Cereja e Magalhães (2005), destinado ao 1º ano do Ensino Médio, observa-se um cenário bastante diferente. O gênero é abordado por esses autores em um capítulo destinado ao estudo da estrutura das palavras.

À semelhança do livro observado anteriormente, os autores utilizam textos para trabalhar o aspecto gramatical em questão. Iniciam o capítulo com uma tira em que a personagem utiliza a expressão *roupinha*, e, ignorando completamente o conteúdo da tira, iniciam uma série de questões a partir dessa palavra.

Na primeira questão, chamam a atenção para duas possíveis segmentações da palavra, fonológica (/R/ /o/ /w/ /p/ /i/ j/ /a/) e silábica (rou-pi-nha), questionando se as unidades menores resultantes dessas segmentações são portadoras de sentido. Na segunda questão, apresentam uma terceira segmentação, agora de cunho mórfico (*roup- inh -a*), observando que nesse caso tem-se três elementos mórficos. Ainda na mesma questão, solicitam que os alunos tentem formar outras palavras com os elementos *roup-* e questionam qual o sentido este tem. O mesmo é feito com o elemento *-inh* e, apresentando uma nova forma *roupinhas*, questionam sobre sentido de *-s*. Ao final, perguntam se as unidades da segmentação mórfica, à diferença das unidades das demais segmentações, possuem sentido. Concluem atribuindo a essas unidades a noção de morfema, sendo este: “[...] a menor unidade portadora de sentido de uma palavra.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 257).

Com relação aos morfemas, os autores estabelecem uma divisão que não se encontrou nem nos linguistas, nem nos gramáticos pesquisados. Para eles os morfemas podem estar relacionados com o universo da realidade, que corresponde ao radical, ou com o universo da língua, que corresponde aos afixos, à vogal temática e às desinências, ou seja, os que possuem um significado mais limitado, atuando no âmbito da própria língua.

Dando continuidade ao assunto, o gênero é estudado quando são explorados os diferentes morfemas que se relacionam com o universo da língua. De acordo com os autores, as informações de gênero são dadas pelas desinências nominais, como ocorre em *meninas*, em que *-a* corresponde à desinência de gênero feminino. Os autores ainda atribuem ao morfema *-s* as informações de número, nesse caso, plural.

Com relação ao gênero masculino, os autores, à semelhança dos gramáticos Almeida (1967) e Cunha e Cintra (2007), bem como do linguista Kehdi (2008), atribuem ao morfema *-o* a noção de desinência de gênero masculino. Isso fica evidente quando, ao explorarem a morfologia do substantivo menino, afirmam que (p. 257): “[...] A unidade *-o* também tem sentido: ela informa que se trata do gênero masculino.”

Os autores ainda chamam a atenção para a diferença entre os morfemas *-a* das palavras *criadas* e *feira*. Enquanto em *criadas*, por oposição a *criados*, corresponde à

desinência de gênero feminino, em *feira*, por não ser possível fazer essa oposição, corresponde apenas á vogal temática.

O livro por não tratar, como já dissemos, a questão do gênero no âmbito do substantivo e do adjetivo, não explora as demais formas de expressá-lo, como notamos na obra anteriormente analisada e nos gramáticos. Além disso, não encontramos ao longo da obra uma parte dedicada ao estudo do substantivo e do adjetivo.

A fim de reforçar o conteúdo gramatical estudado, ao final do capítulo, os autores propõem uma série de questões. Alguns textos são utilizados na elaboração dessas questões, mas, como ocorre no início do capítulo, estes são utilizados somente como instrumento para o estudo dos aspectos gramaticais.

As primeiras seis questões são trazidas a partir de um texto sobre as diferenças entre a música *pop* e o *rock*. Ainda que, no início da atividade, o aluno seja orientado a ler o texto para respondê-las, a resolução delas seria possível mesmo sem a existência do texto, considerando-se somente as palavras dele extraídas. A partir dessas palavras, é solicitado que o aluno indique os radicais, criando novas palavras a partir deles, as vogais temáticas, os temas, os afixos e as desinências. Por tratar dos morfemas em conjunto, nenhuma das questões focaliza-se no gênero em especial. O conteúdo não chega a ser mencionado, passando-se à sétima questão, em que o aluno deve distinguir se as terminações das palavras indicadas correspondem a desinências nominais de gênero ou vogais temáticas.

As três últimas questões são elaboradas a partir de uma tira, na qual o personagem faz uma descrição sobre uma pessoa importante no seu nascimento, a qual se revela, de maneira cômica, se tratar do médico que realizara o seu parto. Novamente o conteúdo do texto é ignorado e as questões que o sucedem tratam apenas da análise dos morfemas de palavras contidas nele.

Diante do que foi exposto, o que podemos notar é que os autores, ainda que sigam uma abordagem tradicional, ao considerar o morfema *-o* como desinência de gênero masculino, apresentam apenas a expressão do gênero enquanto processo flexional, sendo esta apenas uma das formas de expressá-lo. À semelhança de Kehdi, apresentam o conceito de morfema, passando, em seguida, para a apresentação dos principais morfemas e as significações que atribuem às palavras das quais fazem parte. No entanto, diferente do linguista, sequer mencionam a possibilidade de se expressar o gênero através de outros processos, deixando de lado uma série de nomes que não formam o feminino por processos flexionais.

4 Discussão dos resultados

Com base na análise do *corpus* referido na seção anterior, avaliamos em que medida estas obras contribuem ou não para o ensino da língua portuguesa na educação básica⁸. Tendo em vista, também, as ideias apresentadas pelos linguistas e pelos gramáticos, passaremos agora às nossas considerações acerca de como um livro didático deve estar organizado para que seja utilizado em sala de aula, no desenvolvimento do estudo do gênero.

As obras analisadas, como vimos, apresentam problemas na sua organização, tanto no que diz respeito à exploração do conteúdo do texto, quanto na exploração dos aspectos gramaticais. No entanto, não podemos concluir, com isso, que os livros didáticos são prescindíveis ao ensino de língua portuguesa. No ensino, todos os recursos são válidos, desde que o professor se encarregue de adaptá-los de acordo com as necessidades e com a realidade do aluno.

Concluimos que as atividades que compõem seus capítulos devem, primeiramente, proporcionar o desenvolvimento dos aspectos gramaticais por intermédio do texto. Nesse trabalho, é importante atentar para a elaboração de atividades que explorem não só os aspectos gramaticais a partir do vocabulário, mas também que explorem o sentido do texto.

As questões relacionadas ao conteúdo semântico devem estar relacionadas às questões sobre os aspectos gramaticais, de forma a evidenciar as influências desses aspectos no sentido do texto. A questão cinco da amostra retirada do livro de Delmanto e Carvalho (2012, p. 108) é um bom exemplo de como isso pode ser feito. A fim de evidenciar que os substantivos sobrecomuns, embora apresentem sempre o mesmo gênero gramatical, podem ser usados para designar pessoas de ambos os sexos (feminino e masculino), as autoras utilizam uma tira de Dik Browne, em que o personagem Hagar, do sexo masculino, contesta o fato de estar sendo tratado como uma criança, palavra do gênero gramatical feminino. Dessa forma, oportunizando ao aluno perceber como essa palavra atua no discurso.

Outro ponto importante da organização do livro didático é a ordem com que os aspectos gramaticais devem ser abordados. Como vimos, para a formação do feminino, por exemplo, existem alguns casos gerais, com os quais concorrem muitos outros casos especiais, normalmente mais complexos. O livro didático, nesse contexto, deve estar organizado de

⁸ Séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

forma a iniciar pelo estudo dos casos gerais, menos complexos, passando, gradativamente, aos casos especiais, a partir de novos textos, isto é, de novas situações de uso das expressões.

Quanto à forma básica do masculino, o que pudemos notar, ao longo dos pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa, é que a opção por uma ou por outra abordagem em nada interfere na complexidade da exploração das regras de formação do feminino. Em ambas, os casos especiais para a formação do feminino, a partir do radical da palavra masculina, são numerosos.

A adoção da abordagem defendida por Camara Jr. (1979), também aceita por Silva-e-Souza e Koch (2007) e por Bechara (2009), é mais adequada dada a irregularidade da formação do masculino. Além das palavras masculinas terminadas em *-o*, como *menino*, temos as terminadas em vogal temática *-e*, como *mestre*, e as palavras atemáticas, como *juiz*. A formação do feminino destes casos é, de certa forma, mais regular, terminando todas elas em *-a*, *menina*, *mestra* e *juíza*. Desse modo, o morfema *-o* dado como desinência de gênero corresponde à formação de um pequeno grupo de palavras masculinas.

No entanto, a abordagem do masculino como forma não marcada implica a exploração das noções de vogal temática nominal, palavras atemáticas e morfema zero. No ensino de língua portuguesa na educação básica, tais conceitos podem ser bastante complexos para o aluno. A noção de que o masculino da palavra *menino* se dá a partir da ausência de uma marcação, por exemplo, pode parecer confusa para ele, uma vez que, devido à sua carga de conhecimentos, o morfema *-o* está intimamente relacionado à noção de masculino.

Dessa forma, a ideia defendida por Kehdi (2008), de que o morfema *-o* corresponde à desinência de gênero masculino, com a qual concordam Cunha e Cintra (2007) e Almeida (1967), está mais próxima dos conhecimentos que o aluno já tem sobre o assunto. Desconstruir esses conhecimentos não significa interferir de maneira positiva no alcance do principal objetivo do ensino de língua portuguesa nos ensinos Fundamental e Médio: o desenvolvimento da língua para fins comunicativos.

Com base no que foi dito, podemos concluir que, atualmente, os problemas apresentados pelos livros didáticos, na exploração do estudo do gênero, não se originam na adoção de uma ou de outra abordagem para tratar da formação do masculino. As lacunas deixadas por eles correspondem aos casos de formação do feminino, a partir do radical da palavra masculina, que vão além da desinência *-a*, seja ela uma oposição ao morfema *-o* como desinência, ou uma oposição ao morfema \emptyset .

Por isso, na elaboração de um material didático de qualidade, devem ser englobadas as diversas formas de expressão do gênero. Nesse sentido, sua organização deve atentar para a evolução gradativa dos conceitos, sempre a partir do texto, passando do menos complexo ao mais complexo. Dessa forma, contemplando todos os aspectos do estudo do gênero.

Considerações finais

Neste trabalho, tivemos o objetivo de observar como ocorre a descrição do masculino nos livros didáticos, sobretudo no que diz respeito à sua forma básica, tendo em vista duas abordagens distintas para isso.

Iniciamos pela revisão bibliográfica de alguns linguistas sobre o assunto. Verificamos que, entre estes, temos de um lado Camara Jr. (1979) e Souza-e-Silva e Koch (2007) defendendo a forma básica do masculino como forma não marcada, sendo esta uma oposição do morfema \emptyset à desinência de gênero feminino *-a*. De outro lado, temos Kehdi (2008), que, ainda faça referências a duas abordagens, conclui atribuindo ao masculino a marcação de gênero no morfema *-o*, sendo este uma desinência masculina que se opõe à *-a*.

Chegando aos gramáticos, observamos, além de uma numerosa quantidade de regras para a formação do feminino a partir da base masculina, novamente, dois pontos de vista sobre o fenômeno. Enquanto Almeida (1967) e Cunha e Cintra (2007) atribuem ao morfema *-o* a noção de desinência, tratando as palavras masculinas como formas marcadas, Bechara (2009) considera esse morfema como vogal temática, sendo, desse modo, uma forma não marcada.

A partir desta pesquisa, tínhamos o objetivo de observar como ocorre a descrição há pouco mencionada nos livros didáticos. O que pudemos observar nas duas amostras selecionadas é que, ou os livros didáticos abordam o gênero considerando todos os processos de formação, sejam eles morfológicos ou léxicos, dando menor ênfase ao primeiro, como ocorre em Delmanto e Carvalho (2012), ou abordam somente os processos morfológicos, mas sem aprofundamento do gênero, deixando de lado os casos de alomorfia, como vimos em Cereja e Magalhães (2005).

Nos dois casos, o morfema *-o* aparece como marcação para masculino. Destacando-se o feminino como oposição em *-a* nos dois casos, sem mencionar a existência de outras terminações, como, por exemplo, para as palavras masculinas que não terminam em *-o*.

Acreditamos que os livros poderiam apresentar uma descrição tradicional do processo morfológico, no entanto, o que percebemos é que, ainda que sigam as gramáticas quanto à marcação do masculino em *-o*, deixam de lado as outras terminações possíveis.

De qualquer forma, com base no que foi observado na teoria morfológica que os embasa, a existência de duas possibilidades para a descrição do gênero masculino e a opção por uma ou por outra possibilidade não são fatores determinantes e primordiais a serem levados em conta na elaboração do material didático a ser utilizado no estudo do gênero no ensino de língua portuguesa. O mais importante é atentar para a organização desse material de forma a trabalhar os aspectos gramaticais de maneira coerente, gradativa e sem deixar o sentido do texto de lado.

Por fim, com o desenvolvimento deste trabalho, concluímos ser este tema um campo fértil para pesquisa, com muitos aspectos ainda a serem estudados.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da Língua Portuguesa**. 21. ed. São Paulo: Saraiva. 1967. 579 p.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucena, 2004. 671 p.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1979. 124 p.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. 5. ed. São Paulo: Atual. 2005. v.1: Ensino Médio.

CUNHA, Celso. CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007. 748 p.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Jornadas.port: língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 320 p.

KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. 7. ed. São Paulo: Ática. 2008. 72 p.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 80 p.